

Universidade de São Paulo – Escola Superior De Agricultura “Luiz De Queiroz”

LES-237 – Sociedade, Cultura e Natureza

Prof. Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Isabela C. Lanute (9816420) com contribuições dos grupos e do professor

T4: discussão de partes do livro *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização* – vol. 2
por Norbert Elias

Os estudos de Norbert Elias sobre o processo civilizador originaram dois volumes, ambos publicados na década de 30 na Suíça. O primeiro volume, como foi visto, trata da evolução das atitudes sociais como parte do processo de desenvolvimento de uma “sociedade civilizada”. No segundo volume, o autor procura olhar para as causas deste processo, discutindo os efeitos das mudanças macro-sociais na estrutura psicológica dos indivíduos.

I - Do Controle Social ao Autocontrole

Norbert Elias interroga a relação entre a organização da sociedade em “Estados”, com a monopolização por estes últimos do uso legítimo da força física, com a civilização.

Dentre muitos problemas que enfrentou no estudo sobre o processo civilizador, o autor ressalta seu interesse em entender a mudança do comportamento e dos sentimentos humanos nesse processo, afirmando que não há na história indícios de que essas mudanças ocorreram racionalmente. Porém, mesmo assim, as transformações seguem um tipo de ordem. Mas como teria sido possível a efetivação desta mudança? É o que propõe interpretar Norbert Elias.

Sua resposta a esse questionamento propõe que *“planos e ações, impulsos emocionais ou racionais de pessoas isoladas, constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil”*, dando origem a uma ordem mais forte do que as vontades e razões isoladas. É essa ordem que impulsiona o curso da mudança histórica. Segundo Norbert Elias, esta mudança não pode ser classificada em “racional” ou “irracional”, nem tampouco associadas a um espírito supra-individual ou a uma ordem natural. Então,

como pode ocorrer um processo de transformações sociais sem um planejamento prévio para nova ordem e nova estrutura, bem definidas? Elias explica que o conjunto de ações de cada indivíduo pode originar uma inédita ordem social, não planejada por esses indivíduos. É como se houvessem sinergias não planejadas criadas justamente pelo entrelaçamento das cadeias de relacionamentos humanos.

Assim, a reorganização das relações humanas que culminou na formação do Estado absolutista após o feudalismo, foi acompanhada de mudanças na estrutura da personalidade do homem. A força irresistível do novo entrelaçamento social repercutiu em mudanças na mentalidade humana.

No feudalismo, a competição violenta entre cavaleiros guerreiros leva gradualmente à redução dos competidores. Aqueles restantes concentram o poder em territórios cada vez mais vastos, que são o embrião do Estado. Este poder centralizado é acompanhado pela formação de uma sociedade mais complexa, com a multiplicação das funções sociais e aumento da interdependência humana.

Esta diferenciação das funções sociais exige cada vez mais sincronia, coordenação, disciplina e previsibilidade das atividades humanas, o que implica em uma forma de convivência com mais regras de condutas, o que modela a personalidade civilizada.

Um controle mais estável e complexo incutido nos indivíduos desde a infância ganha força. Estes últimos não podem resistir mesmo que queiram. Condutas distantes do comportamento socialmente aceitável são bloqueadas por medos profundamente arraigados¹, o que contribui a explicar o profundo autocontrole individual nas sociedades modernas.

¹ A propósito, o debate a respeito das razões naturais ou sociais do comportamento humano pode ser interessante aqui. A ideia de tabula rasa, de John Locke, descrevendo o ser humano como uma folha de papel em branco que é preenchida pelas experiências vividas, tem muitos seguidores. Porém, estudos em genética mostram que algumas características do ser humano se associam a determinados genes vinculados diretamente a atividade cerebral. Neste âmbito, Solomon (1995) sugere que o medo constitui uma das emoções primordiais. Porém, tal sugestão não implica afirmar que as emoções básicas possam ser entendidas como fenômenos humanos universais e invariáveis. Dessa forma, o medo é variável de cultura para cultura, influenciado pelo contexto social e histórico, mas não é dissociado de aspectos bioevolutivos. Ou seja, o medo faz parte da existência humana.

Com a alta divisão de funções ocorre a total reorganização do tecido social. Sob pressões específicas, os mecanismos do feudalismo são neutralizados, dando lugar a uma organização central estável que passa a deter o uso legítimo da força física. Paralelamente, o aparato de autocontrole passa a ser central nos hábitos do ser humano “civilizado”. Este novo padrão regulador do comportamento, fundado em alto grau de autocontrole, cria importantes automatismos comportamentais, o que permite considerá-lo como uma “segunda natureza” humana².

Com o processo civilizador, o livre uso da força física deixa de ser permitido. Na sociedade mais pacificada, o indivíduo é protegido, mas, ao mesmo tempo, é forçado a reprimir qualquer impulso emocional que resulte em violência física, o que modela na mesma direção a conduta e os impulsos afetivos do indivíduo.

No curso deste processo civilizador, as oscilações do comportamento não desapareceram, mas se abrandam. O indivíduo deixa de ser controlado por suas paixões, passando a controlá-las. Assim, há uma interiorização das lutas, o indivíduo combatendo seus próprios desejos e paixões. De fato, Norbert Elias define como “processo civilizador individual” a incorporação de muitas regras de convívio social que implicam em inibição de sentimentos e em muitas autolimitações³. Trata-se de uma modelagem social de indivíduos, com resultados mais ou menos bem-sucedidos. Com efeito, nem sempre este processo resulta em indivíduos felizes. Tensões e perturbações podem então dificultar o desempenho de suas funções sociais, o que permite pensar em seres humanos “bem-ajustados” ou “desajustados” à sociedade civilizada.

Referências

ELIAS, Norbert (1994), O processo civilizador. Formação do Estado e civilização, volume 2, São Paulo: Jorge Zahar.

² A obra de Elias permite pensar que tanto Thomas Hobbes, pensador inglês do século XVII para quem “o ser humano em sua essência é mal”, quanto Rousseau, para quem “o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe” não são adequados para a análise social.

³ É na teia social em que vive o indivíduo, sobretudo durante a infância e juventude, que se imprime sua personalidade, quando incorpora as instâncias auto-controladoras.

SOLOMON, R. C.(1995) The cross-cultural comparison of emotion. In: *Emotions in sian Thought*. Albany: State University of New York Press.